ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EMPRESA DO JORNAL O SECULO

DIRECTOR

CARLOS MALHEIRO DIAS

Nº 11

2ª SERIE

M. Espi

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Uma sorte de prestidigitação

que todos podem fazer, ficando a rir-se de quem a não fizer, é simples: No meio dos infortunios da vida, colloca-se um individuo triste, pobre, miseravel, rôto, quasi nú: cobre-se com um bilhete da loteria comprado na casa Campião & C.ª, rua do Amparo 148; passado um instante, chama-se a attenção de todos: e agora uma, duas, tres an'a

a roda, sae a lista... **ZAZ**... descobre-se o individuo, triste, pobre, miseravel, rôto e quasi nú... e tendes, meus senhores: Um homem esbelto, riquissimo, alegre e feliz. Quereis ser bons prestidigitadores? Correi lestos ao Campião & C.ª, rua do Amparo, e habilitae-vos para a loteria de Santo Antonio milagreiro que se realisa no dia 12 de Junho sendo o premio maior de 60:000$000. Bilhetes a 30$000 réis, decimos, vigesimos e cautellas.

José da Costa
Rua do Carmo, 73 e 75

Generos alimenticios de 1.ª qualidade, especialidade em queijos francezes. — Telephone n.º 1:936.

Viuva Thiago da Silva & C.ª

Estabelecimento de ferragens nacionaes e estrangeiras — 94, Praça de D. Pedro, 95 — Officinas de serralheiro, dourador, metaes e nickelagem.—**Rua de Santo Antão, 2-A.**

REINO DA SAXONIA

Technico Mittweida

DIRECTOR: **Prof. A. Holz**

Instituto de 1.ª ordem para estudo da engenheria mechanica e electr. Possue tambem laboratorios para mechanica e electrica bem como uma fabrica para o estudo pratico. Frequentaram no 36.º anno: 3:610 estudantes. *Para programmas, etc., dirigir-se ao secretariato.*

ANALYSE DE URINA
Completa

PHARMACIA NORMAL

216 a 220, R. DA PRATA, 216 a 220

A HERNIA. A melhor funda que existe é a **Funda Barrère** elastica e sem mola. Foi adoptada pela officialidade de cavallaria franceza. Serve para homens, senhoras e creanças. Catalogos e experiencias gratis. **PHARMACIA NORMAL, 220, Rua da Prata.**

PÃO PARA DIABETICOS

Massas para sopa, farinha, chocolate, biscoitos, assucar de saude, etc. Tudo de pura Gluten do dr. Charrasse, de Marselha, medico especialista.

Chegou nova remessa d'estes magnificos productos, unicos de que devem fazer uso exclusivo os doentes, certificando-se assim dos bons resultados.

Dias, Costa & Costa
76, Rua Garrett, (Chiado) 78

TELEPHONE 380

MEIAS para **VARIZES** por medida, ou por numeros. Sortimento consideravel em diversos tecidos. Fazemos notar aos interessados que, não obstante as excellentes qualidades, os nossos preços são os mais baixos do mercado. **PHARMACIA NORMAL, 220, Rua da Prata.**

Union Maritime de Mannheim

Companhia de seguros postaes maritimos e de transportes de qualquer natureza. — Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.ª—59, Rua da Prata 1.º**

Bueno Romera
Cirurgião-dentista

Tratamento de doenças de bocca. Collocação de dentaduras artificiaes. CONSULTORIO — **Calçada do Combro, 32, 1.º** (vulgo Paulistas) — **LISBOA.**

Ourivesaria e relojoaria Merguilhão

de **Manuel Carlos Merguilhão & C.ª** (titulo registado)—**162, Rua de S. Paulo 162-B, Lisboa**—Com relogio HORAS OFFICIAES à porta.

Extrema barateza ao alcance de todas as bolsas.

LOPES DA SILVA

Medico especialista em doenças de bocca e collocação de dentes artificiaes. Extracção de dentes.

Consultas das 9 da manhã às 6 da tarde. Rua do Ouro, 140.

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

CASA NOVAES
156, Rua da Palma, 160

(JUNTO AO THEATRO DO PRINCIPE REAL)

Espelhos de todas as qualidades. Molduras em todos os estylos. Estampas em todos os formatos com imagens e outros assumptos. Estudos para bordados e amadores de pintura. Retratos a crayon e a oleo. Colortypos. Chromos e bilhetes postaes illustrados. Objectos para brindes, sempre novidades. Sabonetes e perfumarias dos melhores perfumistas estrangeiros. Malinhas e bolsas para senhoras. Carteiras, cigarreiras e tabaqueiras. Gravatas em todos os generos e feitios. Brinquedos para crianças. Preços sem competencia.

Todos os dias se dão senhas do BONUS UNIVERSAL.

Oriundos das mais diversas patrias, provenientes das filiações mais diversas; descendentes da equipagem da pequenina *Mayflower*, que aproava ao Novo Continente pela alvorada do seculo XVII, ou recemchegados por qualquer dos grandes paquetes da *White Star Line* ou da *North American Line*, que todos os dias se acostam aos caes de Nova-York ou de Boston — é devéras curioso vêr como todos esses netos e filhos de inglezes, de allemães, de italianos, de suecos, de norueguezes, de hespanhoes, de portuguezes, de russos, de francezes, de suissos, de gregos, de belgas, de hollandezes, de hungaros, de austriacos, empolgados, subjugados, desindividualisados pelo incommensuravel poder de assimilação d'aquelle Novo Mundo, se fundem n'uma raça inteiramente nova e unica!

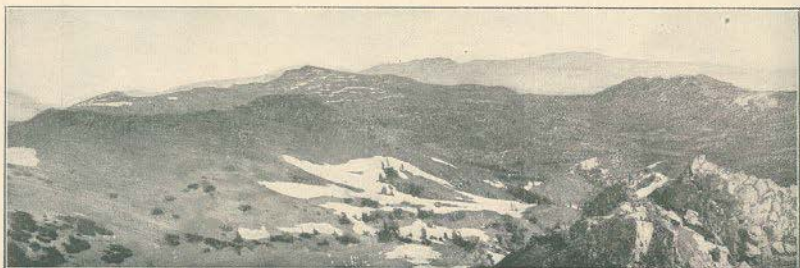
Nas grandes cidades, como são Nova-York, Boston, S. Luiz, e como era S. Francisco, ha bairros exclusivamente habitados e frequentados por individuos da mesma nacionalidade: toda a parte de Bowery em Nova-York, por exemplo, onde só ha italianos; em alguns estados, como na California,

Montanhas da California, vistas do mais alto ponto do Yosemite

ha povoações inteiras de emigrados de Portugal; cada colonia tem as suas egrejas, as suas escolas, os seus clubs, os seus jornaes, as suas bibliothecas, os seus bancos, as suas associações, os seus advogados, os seus *bars*, os seus restaurantes, as suas farmacias; grupos de compatriotas de cada nação reunem-se em seus *pic-nics*; todos os francezes se juntam e festejam, em cada anno, com banquetes e saraus, o seu 14 de Julho, e todos os portuguezes celebram, com paradas e sessões solemnes, o seu 1.º de Dezembro; os italianos preferem sempre a sua pratada de *sparghetti* á mais formosa fatia de presunto de Chicago, e os allemães, por coisa alguma d'este mundo, consentirão em privar-se do regalo da sua *chucrute;* onde se encontram hespanhoes ha *jotas* e *peteneras*, e monotonos cantares dos Alpes onde estiverem suissos...

Mas deixemos Bowery e caminhemos até Wall-Street, em Nova-York; ou recordemos a jovial subida de Jackson-Street até Market-Street em S. Francisco. Vamos a vêr se nos é possivel reconhecer entre a multidão immensa, no incessante vaevem, no barulhar da alterosa onda que sobe, rola e se espraia pelas cidades, o globulo grego, ou o romano, o globulo germano, ou o globulo eslavo. Baldada tentativa!

Um trecho da cidade de S. Francisco

Por um maravilhoso, inextrincavel poder de assimilação, o Novo Mundo joeira e chama a si, do Velho Mundo, tudo quanto nelle resta ainda de vivacidade e audacia, de vontade e de esperança, de

Montanhas da California, a caminho de Yosemite Valley

A floresta secular das grandes arvores da Mariposa, California. Um char-à-bancs, pu ado a tres parelhas, sobre o tronco abatido de uma d'essas arvores

A mais formosa cascata de todo o mundo desprende-se de uma montanha da California

ambição e de fé; tudo quanto nelle germina de intelligente e apto para o emprehendimento; tudo quanto é seiva de energia, musculo de mocidade, confiança na vida; tudo quanto agita um sentimento de revolta perante a rotina, o preconceito, a injustiça e a oppressão. Primeiramente, foram aquelles que, só por amor de liberdade de consciencia, abandonaram lares e bens. Depois, todos quantos se sentiram ousados, vigorosos de braço, desdenhosos de fadigas e de privações. E uma vez seleccionados e attrahidos todos esses elementos de lucta e de progresso, ei-los investidos no dominio de um continente sem fim, lançados na exploração de uma terra atulhada de opulencias intactas.

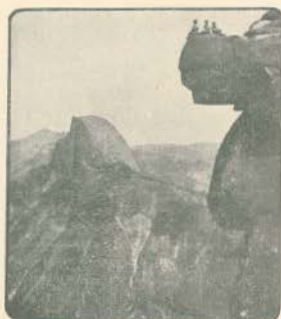
Desbravam-se e desbastam-se as florestas e os mattos, pesquizam-se e lavram-se as minas, aplainam-se e retalham-se as campinas, utilisam-se os cursos dos rios, represam-se as cataratas, navega-se nos lagos. Tudo é facilidade, exuberancia, bemaventurança. Mal cae na terra, logo a semente germina. Onde as gramineas, a vinha, as arvores pomiferas não fructificam ainda, tudo se cobre de essencias prestadias. Onde se não lavra, lenha-se; e a mesma agua que alaga as terras de semeadura arrasta, na sua queda, o madeiro cortado na montanha. O homem consegue tudo por si mesmo: *Help your self!* Mas o seu Deus ajuda-o.

Plantadores e mineiros arrancam por diverso modo á terra o oiro que ella enthesoura: os plantadores, mandando-lhe as raizes, que n'ella vão sugar a riqueza de incomparaveis fructificações; os mineiros, descendo-lhe aos arcanos, revolvendo-lh'os e saqueando-lh'os. Inicia-se o frenesi das especulações audaciosas. Erguem-se as cidades em alicerces de milhões de dollars. Lançam-se a todo o vapor comboios monstruosos sobre babelicas pontes. Movimentam-se portos com a entrada e saida diaria de milhares de navios. Montam-se industrias e realisam-se culturas, que immediatamente abastecem os mercados de todo o mundo. Effectuam-se, com violencias maximas, as mais temerosas operações de bolsa. Sobre uma terra de improviso funda-se uma escola de energia.

Quando se proclama a independencia, a area dos treze Estados que formam a republica federal não excede quinhentas mil milhas quadradas. Mas não tarda que o territorio da federação attinja quatro milhões de milhas, tendo já por fronteiras naturaes o Atlantico, o Pacifico, o golfo do Mexico e o Oceano Arctico.

Duas tremendas cadeias de montanhas correm parallelas á costa do Pacifico. Um valle immenso separa-as, orlado pela torrente caudal de dois rios impetuosos. A cadeia da costa domina a pique o mar; singra ao fundo, em repregos, escalando o infinito, toda a magnificente scenographia da Serra Nevada. Das florestas que cobrem as montanhas rolam na planicie os vagalhões de verdura, ondeiam na immensidade dos pomares coruscantes de fructos, esbatecem-se nos tons tenros das campinas floridas.

Que esplendor! Que harmonia! Que abundancia! Sob as abobadas vetustas das *beeg-trees*, casam-se, enlaçam-se, e desfilam, pelas naves que não findam dos bosques seculares, os castanheiros e as faias, os alamos e platanos, os carvalhos e nogueiras, os ciprestes e as thuias, os amieiros e as tilias, as bétulas e os zimbros, os salgueiros e avelleiras, os cedros e as araucarias. Grimpam pelos montes o sassafraz, a murta, a amoreira encarnada. Entretecem sombras de parques as

Santa Barbara. A primeira missão do Christianismo na California

O ponto mais alto da California, Yosemite

magnoliaceas e baunilhas. Por meandros e labirintos de vegetações bravias, irrompe-se no deslumbramento dos laranjaes e dos olivedos, das vinhas e das hortas. Excedem paraizos de exuberancia e de graça, de vigor e deleite, as culturas dos pecegos e das maçãs, das ginjeiras e das peras, dos figos e das ameixas, dos damascos e das cerejas, dos abrunhos e das amendoas. Milharaes e trigaes são mares, que bons ventos agitam em ondas alterosas. Cobrem leguas de campina as ervilhas de cheiro.

Povoam os bosques os alces, os veados, as gazellas, os cabritos montezes, os castores e os arminhos, as lontras e os esquilhos. Dá-se caça ao urso, bate-se o lobo, persegue-se a raposa, espreita-se o lynce, ouve-se o esgueirar da cobra cascavel. Arremessado pelo *cow-boy*, por escarpas de precipicios e planicies sem fim, toma novos donaires o cavallo; e o boi, a vacca, o carneiro, o porco, proporções incriveis. Nos pincaros das rochas fazem ninho as aguias; nos lagos deslisam cisnes. E na agua dos ribeiros fugidíos que mitiga a sêde a colibris e a tordos, passam cardumes de bógas e trutas salmonejas...

California! California!

Isolada por enormes distancias dos centros productores, a California é obrigada a procurar no seu proprio territorio e nos seus proprios recursos os meios de que carece para a sua subsistencia. E é tão feliz, que os encontra d'uma variedade e n'uma abundancia raras. As minas de oiro são o primeiro chamariz da affluencia de immigrantes de todas as outras partes do mundo; mas o verdadeiro periodo inicial da prosperidade californense só se assignala mais tarde, com o trabalho agricola e o estabelecimento das modernas industrias.

O clima é delicioso. Durante o tempo de mais calor, as noites são frescas e o ar vivificante. Todo o inverno se passa entre flores, perfumado e amavel.

A irrigação nas secções áridas do Estado desenvolve-se a tal ponto, que a breve trecho se não acha um lote de terra cultivada accessivel a tomadores de recursos modestos.

Um «cottage» na California coberto de rosas

A Cancela de Oiro

O commercio da exportação de trigo attinge uma média annual de treze mil quintaes. As fructas frescas exportadas para os outros Estados da União, e para a Inglaterra, a Escocia, a Allemanha, o Mexico, o Canadá, enchem cinco mil a sete mil carros na volta do anno, e as fructas seccas quatro mil a seis mil carros. Assim, do cultivo das arvores fructiferas tira a população uma avultada parte dos seus proventos.

A cuidadosa escolha de terrenos de plantação, o tratamento das arvores scientificamente dirigido, a guerra sem tréguas aos multiplos parasitas que as acomettem, a perfeição, quasi o carinho com que se faz o empacotamento das fructas, as diligencias intelligentes na descoberta e conquista de mercados consumidores, tornam esta industria uma das mais productivas do Estado. As fabricas de serração de madeiras trabalham sem descanço,

para acudir ás encommendas; e os carregamentos dos navios sobem a totalidades annuaes de vinte e sete milhões de pés de madeira. As vastas regiões de vinha, plantadas com cêpas de resistencia, alimentam uma incessante e sempre crescente expansão dos mercados.

A California exporta em cada anno muitas mil libras de assucar, muitas mil libras de café, muitas mil libras de chá—chegando a mandar chá para a China e chá para o Japão, o que é coisa parecida com o exportar carvão para New-Castle, ou rolhas de cortiça para Portugal.

Das minas da California tira-se o oiro, a prata, o cobre, o chumbo, o mercurio, o carvão, o petroleo, o asfalto, a cal, a pedra betuminosa, o barro, o gypso, o sal, o borax. Entre as regiões mineiras, além dos condados de Nevada, de Calaveras, de Touloumne, de que n'um anno ainda se tira oiro no valor de dezeseis milhões de dollars, só os condados de Shasta e de Los Angeles concorrem.

mentos de precisão, moveis e estofos, saccos de juta, de linhagem, de papel, caixas para charutos, caixas para fructas, caixas para bon-bons, caixas para joias, vassouras, escovas, arreios, chapeus calçado e fôrmas de calçado, luvas, leques, joias, oculos e binoculos, malas de viajem e esquifes, mesas de bilhar, pregos e vernizes, esculpturas e embutidos, obras de cristal, encadernação de livros, cantaria, cordoaria, cutelaria, fundição de tipo, cortume de pelles, preparação, branqueamento e tecelagem de lã, e refinação de sal e de assucar, vinagres, azeites, compotas, escabeches, macarrões e macarronetes, chocolates e xaropes sabões e oleos, tabacos e fosforos, gelo e refrescos, cidras e cervejas—tudo isso a California faz, tudo fabríca, tudo prepara, tudo manipula, tudo confecciona, empregando todas as aptidões, aproveitando todos os prestimos, premiando todas as actividades!

Ao mesmo tempo que o balanço de cada novo anno assignala uma exportação sempre crescente,

Montanhas da California, vista de Artist's Point

n'esse mesmo anno, com uma producção avaliada em oito milhões de dollars.

A producção dos poços de petroleo de Neuhall, Santa Paula, Ventura, Puente, Los Angeles, Summerland, Coalinga, Whitier, Fulerton, Brea Canyon, Kern River, Sunset, Midway, Santa Maria, chega a dar uma média diaria de vinte e quatro mil barris.

Á conversão da drenagem das grandes vertentes da California em motor electrico dá-se um avanço constante e enorme, transmittindo-o por custo moderado ainda aos mais limitados centros fabris. A simples enumeração das industrias manufactureiras da California é quasi, só por si, um enunciado enciclopedico de profissões mecanicas e artes manuaes. Utensilios agricolas, aparelhos de serrar e aplainar madeiras, bombas e machinas de exgotamento de aguas, compressores de ar, foles para avivar o lume, moinhos para fazer farinha, carruagens de luxo, carroças de carga, vagões de caminho de ferro, ascensores, fertilisadores, cofres fortes, instrumentos musicos e instru-

e prodigiosamente crescente, o alargamento da agricultura realisa-se, de dia para dia, em proporções espantosas, e a expansão das industrias acompanha este movimento de fortuna. Por toda a parte os capitaes e as mais vivas diligencias se empregam no incremento de novas culturas, na creação de novas officinas. A riqueza brota de todas as origens.

A California, como todos os Estados-Unidos, é uma resultante da energia do homem de trabalho. O americano, ou o habitante da America, enriquece depressa, arruina-se de um dia para o outro, e está sempre prompto a recomeçar fortuna. Ha uma constante circulação das riquezas. O rico sabe que pode vir a ser pobre, o pobre sabe que pode vir a ser rico, e d'aqui provém essa plena, absoluta confiança no proprio esforço, que é a mais limpida affirmação da robustez social da America.

ALFREDO MESQUITA.

OS «ATELIERS» DOS NOSSOS ARTISTAS

O *atelier* do fallecido pintor José Ferreira Chaves em 1890 na Academia de Bellas Artes. Ali se compozeram os mais notaveis retratos e as mais deliciosas flôres em cuja pintura aquelle mestre foi inexcedivel.
O *atelier* é occupado agora pelo illustre pintor Velloso Salgado, discipulo de Ferreira Chaves

O PINTOR MALHÔA NO BRASIL

A convite do Gabinete Portuguez de Leitura, a benemerita e patriotica instituição do Rio de Janeiro, vae organisar-se nas salas d'aquella sociedade uma interessantissima exposição dos trabalhos do notavel pintor José Malhôa. Muito breve, este mez ainda, o illustre artista deve ter transposto o oceano, acompanhando a sua obra, destinada na capital federal a um enorme successo. Não desconhece o Rio de Janeiro o altissimo valor do artista que na exposição d'aquella cidade se representou já com trabalhos seus, que alcançaram justificado exito. Esta viagem, que pela primeira vez emprehende um grande artista da nossa terra ao Brazil, é um acontecimento digno de registo especial. Representa, além da merecida con-

Estudo para a decoração da sala de musica do sr. Lambertini por J. Malhôa

sagração ao mais realista dos nossos pintores e ao mais authentico e prodigioso interprete da paizagem e vida rural portugueza, o espirito de acendrado patriotismo que anima os portuguezes d'aquellas longinquas paragens. Ao formular o convite ao grande mestre para exhibir ali o maior numero dos seus trabalhos, moveu-os, antes de tudo, a suave recordação do paiz natal. E' que José Malhôa, por sobre as qualidades technicas da sua arte e pelas manifestações do seu formoso talento que lhe asseguravam em qualquer parte um logar distincto no mundo artistico, é pelo sentimento o mais portuguez de quantos procuram pela arte, depois de Silva Porto, fixar a paizagem e os costumes campesinos de Portugal.

A obra do illustre pintor constitue documento precioso para o estudo dos costumes ruraes do nosso paiz. Não ha na vida do campo um unico aspecto interessante que não tenha merecido a sua attenção, nem trecho pittoresco da nossa paizagem que não tentasse a exuberancia da sua paleta. A producção de José Malhôa é um verdadeiro prodigio. Ainda em pleno vigor da vida, a sua obra é já consideravel. Para se avaliar o numero dos seus quadros basta dizer que o notavel pintor envia á exposição do Gabinete Portuguez de Leitura mais de cem trabalhos e que essa é a parcella minima que tem produzido a sua actividade. É tão extensa a galeria de retratos pintados por aquelle artista que elle proprio os não pode enumerar já. E não é só na pintura a oleo que o autor da *Volta da Romaria* e *Procissão* exerce as suas poderosas facul-

dades. Todos conhecem os deliciosos quadros a pastel que o artista de vez em quando envia á Sociedade Nacional e que assignalam como que o repouso das suas grandes composições. Além de todos estes trabalhos que o curioso d'arte tem meio facil de admirar, quantas obras não tem produzido José Malhôa por incumbencia particular, já para decoração, já para galeria e que apenas ficam patentes ás relações dos seus possuidores? Para esta enorme producção feita, naturalmente, sem esforço, a envergadura do artista é, como o aspecto da sua obra, sadia e vigorosa. Na sua casa de Figueiró dos Vinhos, mal rompe a manhã, já o illustre pintor está irresistivelmente pegado á sua tarefa. No regresso á capital, ao cabo de tres ou quatro mezes, o seu *atelier* soffre uma inundação: esquissos, manchas, esbocetos, apontamentos e não raro obras já concluidas.

A exposição que José Malhôa vae organisar no Rio de Janeiro tem ainda o valor especial de tornar conhecidos pela primeira vez os estudos do artista para os seus quadros e decorações; soberbos estudos a carvão que são verdadeiros primores d'arte e pelo motivo de serem ali expostos os trabalhos que o distincto pintor executou na passada villegiatura em Figueiró.

Avultam, entre os primeiros estudos, os esquissos para os quadros *Barbeiro d'Aldeia*, *Cocegas*,

Cavalleiro de Sant'Iago

Retrato de Sua Magestade El-Rei

Volta da Romaria e decorações da casa Lambertini. São deliciosos os estudos dos camponezes para o grupo do *Barbeiro*, soberbas as figuras que se destinam aos quadros decorativos.

Dos novos trabalhos destacam-se os retratos de suas magestades el-rei D. Carlos e rainha D. Amelia, vestindo o soberano portuguez a sua farda de generalissimo e ostentando o manto real e sua magestade a rainha que veste uma linda *toilette* branca. Desde a attitude aos minimos detalhes, os retratos dos monarchas são duas obras primas. A par de telas valiosas, como o *Infante D. Henrique*, *A Velha fiando*, *Cavalleiro de Sant'Iago*, *Os oleiros*, *O viatico*, *As cocegas*, trabalhos já premiados em exposições nacionaes e estrangeiras, figuram os novos quadros *Cuidados d'Amor*, *S. Martinho*, *Setimo não furtar... as uvas ao «sôr» prior*, *Chegada do Zé P'reira*, que são outros tantos aspectos da vida rural, estudados carinhosamente, como só o sabe fazer o illustre pintor.

Não nos deteremos no exame d'essas obras já conhecidas e apreciadas pela critica. Referir-nos-hemos apenas ás producções do artista ainda não expostas em Lisboa e onde muito provavel é que já não venham a ser conhecidas. Principiaremos pelo delicioso trecho de pintura, cheio de sentimento e inexcedivel correcção que se intitula *Cuidados d'amor*. Destaca-se no quadro a figura de uma gentil lavradeira, sentada no pequeno muro que limita um quintal. É á hora do jantar e o sol bate de chapa sobre as couves gigantes com reverberações metallicas. Um sopro de melancholia turva a linda face da minhota. O seu pensamento está muito longe da bizarra e calida paisagem que envolve o quadro.

A par da nota vagamente sentimental e triste, destaca-se um dos aspectos mais pittoresco da vida do Norte: a chegada do «*Zé P'reira*» ao arraial. É uma linda composição essa. Na modesta povoação

que se occulta na encosta erguem-se os galhardetes, e agitam-se bandeiras. Grinaldas de verduras e balões prendem-se de mastro a mastro. Tudo está em festa e o céu purissimo só tem as nuvens do estralejar dos foguetes. A musica deu entrada no arraial. A' frente vem o bombo, no plano immediato o tambor e a gaita de folles. Seguem atraz os festeiros queimando os foguetes. Adivinha-se em todo o quadro o ingenuo enthusiasmo da povoação, a vida feliz dos seus moradores.

O *S. Martinho* é um quadro precioso de estudo, que se filia na segunda maneira do illustre artista, caracterisada por essa feição historica que tem produzido *Os oleiros*, *As papas* e outras obras primas, que contrastam com a maneira pittoresca das suas paizagens. É o aspecto philosophico da vida rural. No assumpto do quadro, Céres deu logar a Baccho. No recanto do casebre abancam tres camponios, que festejaram alegremente o S. Martinho esvasiando algumas canadas. Um d'elles encosta-se já adormecido sobre a mesa, emquanto o segundo entrando no periodo da meditação considera as coisas d'este mundo atravez dos laivos melancholicos do summo da uva.

Mas lá no extremo da meza o terceiro e alentado companheiro, mais descrente e mais forte, faz-lhe o signal de desenfado e prepara-se para esgotar a sua tigela. Se não fora já o nosso primeiro pintor realista, José Malhôa alcançaria esse logar com o quadro que se intitula *S. Martinho*.

A seguir volta o notavel artista a retomar o seu pincel descriptivo, ligeiramente ironico, no quadro intitulado: *Setimo não furtar... as uvas ao sôr Prior*.

Um rancho de raparigas invade a vinha do sr. cura, fazendo ali boa colheita de louros e maduros cachos. A incursão não se faz sem perigo, porque já o guarda, ao longe, corre de encontro ás invasoras que fogem, levando no avental o saboroso

Retrato de Sua Magestade a Rainha

«Provocador»

furto. A luz, o movimento, a côr, casam-se admiravelmente com a graciosidade do assumpto. Ao lado d'este quadro encontramos o *Viatico* e, comquanto já estivesse exposto na Sociedade Nacional de Bellas Artes, não nos furtamos ao desejo de lhe fazermos algumas referencias. Raras vezes se consegue n'uma tela transmittir tanto sentimento, a par da exuberancia do colorido. E' encantador tudo o que envolve o quadro, todo o meio em que se desenrola a acção, e, no emtanto, o acontecimento é doloroso, a situação difficil. A' volta da casaria vae desapparecer o cura, sob a umbella, levando a Eucharistia. Á porta do casebre, modesto e muito branco, uma figura de mulher assenta-se como que desfallecida, encostada á hombreira. Foi d'ali que sahiu o cura, levando o Santo Sacramento. N'aquella attitude desalentada, observa-se uma grande dôr. Em volta, a atmosphera é linda, como se em todos os casebres pairasse a felicidade.

No numero dos trabalhos destinados ao Rio de Janeiro figura tambem o quadro *Cocegas*, que foi admittido no anno passado ao *Salon* e que, em proporções reduzidas, já havia sido exposto tambem em Lisboa. O quadro tem tres metros de comprimento e as figuras são quasi em tamanho natural.

E' um delicioso trecho de paizagem, de largo horisonte, calmo e limpido.

Vão concluidas as ceifas e já o trigo se amontoa resequido e louro. No primeiro plano, estiraçado no chão, destaca-se o trabalhador, tendo ao lado a companheira de labuta. E' a hora da sesta. Com que gracioso movimento a moçoila estende o braço, entretendo-se em distrahir do somno o fatigado companheiro.

E' um verdadeiro encanto aquelle trecho de pintura, em que as qualidades de eximio paizagista que caracterisam José Malhôa estão postas á prova. E' bem aquelle o nosso campo, cheio de luz, de suave color do, coberto por um ceu de puro anil. Não ha ali um unico exagero de côr; todas as to-

«Cuidados d'amor»

Estudo para o «Barbeiro d'Aldeia»

Estudo para o «Barbeiro d'Aldeia»

A chegada do «Zé P'reira»

Estudo para o «Barbeiro d'Aldeia»

Estudos decorativos

nalidades são rigorosamente accentuadas, sem precipitação nem falsidade tanto em uso dos modernistas.

Este quadro obteve em Paris o applauso unanime da critica, que o considerou um dos melhores trabalhos enviados ao *Salon*.

O quadro *Infante D. Henrique*, de que o artista fez a sua decoração para a sala do Museu de Artilharia, está tambem incluido o no catalogo exposição do Gabinete Portuguez de Leitura. Essa estudo avantaja-se muito ao *paneau* do museu, principalmente porque a porta que o intercepta lhe tirou muitas das suas melhores qualidades.

É uma excellente composição, vigorosa e sentimental. É ao mesmo tempo a obra de um artista e de um patriota. O infante de Sagres está sentado n'uma roca, sobre o promontorio onde vem quebrar-se o impetuoso mar.

Estudos decorativos

Estudos decorativos

Os «oleiros»

As «coregas» quadro admittido ao «Salon» de 1905

«S. Martinho»

A figura do principe, dominando o asperrimo rochedo, é magestosa e imponente. Apoia-se na especie de cathedra que lhe offerece a rocha e sonha com o seu plano de glorias. Do seio das aguas, n'uma curva que se perde no espaço, como um arco iris de todas as passadas grandezas, ergue-se a materialisação do vago sonho do infante. Apparecem no primeiro plano, mal esfumadas, as caravellas que deram a Portugal o vasto dominio do mar, esquissam-se n'uma penumbra os combates que asseguram aos portuguezes o mais vasto imperio da Renascença. Fluctua em terras do Oriente o pendão das quinas, esboçam-se ao longe os cortejos triumphaes, os combates de Ormuz, Gôa e Malaca.

Sonho de um imperio para o infante de Sagres, quasi sonho para nós a quem o destino levou realisadas as grandezas que incandesciam a mente do infante.

Quer da sua composição geral quer nos minimos detalhes, este quadro merece um logar de honra na exposição e na analyse dos trabalhos de José Malhôa.

O illustre artista excedeu-se a si proprio no arrojo, vigor da concepção d'este quadro de que felizmente podemos fazer uma idéa muito approximada pelo *panneau* do Museu de Artilharia.

A galeria de trabalhos do nosso illustre pintor, que o Brazil vae ter occasião de apreciar, é enriquecida ainda por dois soberbos quadros, que se intitulam *Ca-*

«O Viatico»

«O azeite novo»

«Setimo não furtar... as uvas ao «sôr» Prior»

O «Infante D. Henrique»

Não concluiremos a ligeira referencia á obra do distincto pintor sem fallarmos d'esse quadro exposto ha sete annos no Gremio Artistico e que se intitula *A passagem do comboio*. Faz parte esta tela da exposição do Gabinete Portuguez de Leitura e é um dos trabalhos de José Malhôa em que primeiro se firmaram os seus creditos de observador da vida pittoresca no campo. O apreço em que foi tida esta composição, provam-o as reproducções que do quadro, de então para cá, se tem feito.

Raras pessoas não terão fixado de memoria esse rancho de creanças, junto da passagem de nivel, saudando o comboio que passa. É um trecho leve e gracioso, que não se póde examinar sem se sentir um ineffavel prazer.

Antes de partir para o Rio de Janeiro o illus-

valleiro de Sant'Iago e *Provocador*. O primeiro já figurou na exposição da Sociedade Nacional, o segundo ainda não havia sahido do *atelier* de José Malhôa. Debaixo do caracter generico que o artista imprimiu áquellas obras, nota-se a esplendida factura de dois retratos, de Antonio Lobo da Silveira (Alvito) e de Manuel Henrique Pinto. Na figura do cavalleiro de Sant'Iago admira-se a expressão de fidalguia, adivinha-se um passado de pergaminhos. No aspecto do segundo transparece a audacia e, no olhar provocante e energico, reconhece-se o batalhador arrojado e aventureiro. São duas curiosas figuras que o artista animou n'uma concepção typica.

«Velha fiando»

Estudo para «A volta da Romaria»

Um aspecto do «atelier» de J. Malhôa

tre pintor franqueou o seu *atelier* a diversos amadores de arte que haviam manifestado desejo de admirar os trabalhos que vão ser expostos ali.

Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Carlos e Rainha D. Amelia e D. Maria Pia estiveram na residencia do José Malhôa, admirando as producções destinadas ao Brazil.

Os regios visitantes, que muito distinguem aquelle artista, fizeram as mais encomiasticas referencias

A casa de J. Malhôa na Avenida Antonio Maria Avellar

a todos os trabalhos, destacando principalmente o retrato de Sua Magestade a Rainha, que é uma perfeita maravilha.

As flagrantes suggestões do Passado, em que o espirito moderno tanto se compraz, perdida a illusão da previdencia dos horoscopos, colhem-se ainda com grata vivacidade em terreólas de provincia, onde não raro se deparam as mais inéditas e surprehendentes sobrevivencias artisticas ou historicas.

Um d'esses isolados recantos, em que eras extinctas, obstinadamente, se fazem representar para o emotivo encanto de investigadores e esthetas, é a cidadella brigantina, encarrapitada n'um alto, a leste da cidade.

O facto de transpôr a muralha, que a cerca pela porta em ogiva, flanqueada por cubellos, e enfrentar com o bairro comprimido e sulcado de ruelas estreitas, viscosas e ondulando, provoca desde logo o mais imprevisto recúo mental ao turista desprevenido.

Mas, a avolumar esta inopinada evocação archaica, surgem d'aqui e d'ali, doseando a intensidade dos *remembers*, torres denegridas, decrepitas, desmandibuladas; o singularissimo pelourinho, symbolo da jurisdicção municipal; o vasto cubo de menagem com as suas atalaias cylindricas, com as suas ameias retangulares d'exulcas cruciferas e com as janellas ogivaes, duas d'ellas d'uma florida e radiosa composição artistica; e por fim o vetusto Paço do Senado, certamente o unico edificio profano que do romanico subsiste no paiz.

Uma vez em face d'este, a primeira impressão sentida é naturalmente a da revolta e desagrado pelas sevicias infligidas com a ruptura d'uns janellões, a sul e oeste, destinados a illuminar o interior em substituição das fenestras primitivas, abertas para o occidente (fig. 1) e para o sul (fig. 2) e para o levante e obstruidas no seculo passado com enchimento e pedregulhos, e ainda com a ligação d'um muro de predio rustico ao cunhal de sudéste cortando lastimosamente a perspectiva.

Diluida, porém, a indignação que o conspecto inicial repentinamente suscita, esta construcção discreta e atarracada absorve com delicia a imaginativa do espectador pela instituição admiravel que suggere e pela clara luz que projecta na revivescencia da architectura urbana do seculo XII.

Quanta poesia historica, pois, n'este prediolo de silharia carcomida e rôta!

Levantado n'essa epoca remota, ante o nosso espirito se exhibe como um dos tres principaes edificios que dominavam um burgo pequeno, mesquinho e pobre, composto de habitações pelintras e infectas, que as vicissitudes do tempo, o gesto dos homens, a melhoria do conforto e outros factores economicos transformaram e substituiram.

Miseras e rudes vivendas de madeira e schisto para abrigo do corpo. Solidas e custosas edificações de granito para tudo o que symbolisasse a affirmação d'um ideal: ou fosse o da crença religiosa, ou o da defeza e independencia, ou o da consciencia politica.

Vislum-

bra-se, pois, o ardor, o desinteresse e a solicitude que esse estricto populacho da Bragança medieva puzera na fabrica do seu Paço concelhio, empregando a melhor e mais dispendiosa materia constructiva para a sua perdurabilidade e resistencia e cumulando-o carinhosamente dos recursos e lavores artisticos ao seu alcance, como se se tratasse d'um templo para a perenne glorificação de Deus.

E, presumivelmente, os canteiros que no tempo de D. Sancho I ergueram o primitivo castello e a antiga igreja foram os mesmos que trabalharam n'esta veneravel construcção romanica d'uma equilibrada firmeza e d'uma segurança robusta, cheia de logica e graça.

A angulosidade da fachada occidental que faz descrever ao seu perimetro o traço d'um pentagono; o resalto da cornija circumdante, sustentada

tantas vezes os senadores medievaes decidiram sdo destinos do concelho.

Ao penetrar no interior, composto de duas salas que se communicam por uma abertura ogival feita no muro divisorio, logo o assalta a severa austeridade, a desconfortavel nudez e a tristeza da assolação que ali reinam.

Ao longo das paredes mestras caiadas, e em que se resentem as deturpações acima expendidas, corre uma bancada granitica e ao alto a fila dos modilhões esculpidos com caraças, focinhos d'animaes, florões, etc., tendo um o escudo das cinco quinas, verosimilmente considerado como o brazão do segundo monarcha portuguez.

No aposento da direita e quasi sob o enorme e violento rasgão, produzido por um incendio, no madeiramento do tecto e no telhado, ergue-se do lagedo do pavimento o parapeito circular da bôcca

por modilhões historiados em que predominam motivos anthropo e zoomorphicos, a quebrar a simplicidade das suas linhas; a serie successiva das fenestras que se abriam ao longo das tres faces, com as archivoltas chanfradas cahindo sobre a saliencia das impostas, e d'uma proporção harmoniosa para a sua altura comedida e breve, denunciam uma ponderada sagacidade architectonica tendente a uma impressiva convergencia d'effeitos na sua sobria estructura.

A portinha d'accesso recorta-se em arco perfeito no lado sul (fig. 2) sobre o pateosinho do escadoz d'alvenaria.

O visitante, commovido sob o peso da veneranda tradição historica, avança respeitosamente os seus passos com ancia curiosa de poisar os seus olhos na intima solitude do recinto augusto, onde

da cisterna que occupa a subjacencia do edificio.

A entrada para este deposito cava-se na frontaria oriental ao nivel do solo. Sobre a lobrega e soturna superficie do liquido, mal se enxerga a vigorosa abobada de cantaria em curva plena com arcos de reforço.

O indigena ignorantissimo e supersticioso foge com pavor d'este antro de bruxedo.

Tal é, desconhecida a sua vida historica, a consideração que lhe merece o velho palladio das regalias e direitos municipaes dos seus antepassados e que é hoje um monumento excepcional, producto indiscutivel d'uma arte definitiva e consummada a que o tempo transmittiu um caracter solemne com o tom esmorecido da velhice.

Braga. Abril 1906.

MANUEL MONTEIRO.

Ha oito dias que estamos aqui e decerto os telegrammas dos jornaes já lhes teem contado os enthusiasmos, as recepções, as acclamações, os *toasts*, os berros, a alegria, as festas solemnes e as festas bohemias com que fomos recebidos em Paris e que nos teem feito andar num offegante vae-vem do Bairro Latino para o Hotel de Ville, para o Elyseu e para as redacções dos jornaes.

Quando vamos pela rua, enrolados na capa e cabeça descoberta, ha um espanto enorme em todos os olhos. O que mais os surprehende é não trazermos chapeu. Outro dia, no metropolitano, um empregado perguntou-me muito sériamente se eu tinha perdido o meu. Mas muita gente (e o Bairro Latino em geral) já nos conhece e é sempre uma grazinada de passaros alegres na bocca das costureirinhas estouvadas. *Ce sont les portugais! Vive le Portugal! Oh! qu'ils sont drôles!*

Ha muita sympathia por onde quer que passemos, onde quer que entremos. Os rapazes teem andado enthusiasmadissimos comsigo proprios, julgando que são as suas perfeições de lusitanos attrahentes que lhes proporcionam tanta amabilidade e cordealidade. Mas estou convencido de que, apesar dos estudantes terem sido muito correctos, não houve para elles mais do que essa delicadeza facil e encantadora dos parisienses, cujo sorriso amavel e indifferente nunca se nega seja a que estrangeiro fôr. Não tivemos, estou certo, honras especiaes, o que de resto é muito natural.

E que impressão teem dado todos os parisienses á nossa gente? Só podemos fallar do Bairro Latino. A margem direita apenas muito de fugida, em passeios ou em recepções officiaes, é que a temos corrido. No Bairro Latino ha, acima de tudo, dominando tudo, impondo-se em tudo, o bicho estudante.

No Instituto Pasteur—Ao alto, segundo á direita da porta, o dr. Roux, que acompanhou os estudantes

Grupo de estudantes portuguezes e francezes

Agora estão as ruas quasi desertas, com as férias de Paschoa. Em tempo d'aulas, disse-me Campinchi, o presidente da Associação Geral dos Estudantes, ha cerca de quatorze mil rapazes para encherem ecabriolarem pelo boulevard Saint-Michel (Boul'-Mihe', como elles dizem) e pelas sombras frescas do Luxemburgo, onde teem terreno quasi officialmente seu e onde o burguez pacato raras vezes arrisca os seus pés vagarosos da pachiderme indolente. Isto agora, como disse, está quasi deserto, e, fallando com o coração nas mãos, muito baixinho (não vá a França escutar-nos!), dir-lhes-hei que, afóra uns quatro ou cinco rapazes francezes, fomos recebidos por uma escoria, muito turva e muito perigosa, das escolas de Paris. Para quê uma hypocrisia inutil?

E para quê tambem dizer-lhes que andamos to-

Os estudantes portuguezes no Elyseu

Em frente da Associação Geral dos Estudantes na rua das Escolas

dos embasbacados com as encarnações magnificas do symbolo creado por Murger com as faces frescas de Mimi? Não sei se as raparigas bonitas foram tambem para férias. O que é certo é que até agora só me appareceram uma meia duzia de caras a quem se possa dizer, á antiga portugueza: *Benza-te Deus!*

Quanto aos numeros do programma das festas, houve alguns cuja realisação não podia ser mais interessante e mais bella, a começar pelo *Glatigny* de Catulle Mendès, cujos versos deliciosissimos tão bem souberam evocar aos nossos ouvidos a sua Musa commovida, delicada e original. A visita ao Instituto Pasteur, sob a direcção do intelligente e amavel dr. Roux, foi uma nota muito séria e muito bella no concerto brilhante dos festejos. A viagem a Versailles, a recepção no Hotel de Ville, a recepção no Elyseu, o passeio a Sèvres e a visita das manufacturas souberam manter o encantamento que nos teem dado os monumentos, os museus, os passeios da cidade maravilhosa.

Quero, comtudo, destacar ainda o *five-ó-clock* no *Figaro* em que do primeiro ao ultimo numero nem por um momento o nosso espirito sentiu amortecer o interesse, em que tudo foi magnifico, desde os monologos de Coquelin até ás cançonetas gaiatas de Margueritte Deval; e a festa da sala Trévise, que a Sociedade dos Estudos Portuguezes, o *Mundo Elegante* e a Associação Franco-Portugueza nos offereceram e onde tivemos o prazer elevado de ouvir recitar a *Oração na Acropole*, de Renan, e a *Resposta de Pallas Athenea*, de Anatole France.

E insensivelmente eis-me levado a lembrar-lhes ainda a mais viva recordação de todas estas festas, a doce recordação d'uma visita, que não foi official, a casa de Anatole France. Porque n'aquelle gabinetesinho estreito, onde o mestre recebeu os estudantes portuguezes, com uma intimidade affavel e um bello sorriso intelligente, todos sentiram que só por essa meia hora de cumprimentos e animada palestra valera bem a pena atravessar as terras ingratas de Hespanha e descer, cobertos de poeira e com os rins doridos, nas gratissimas, hospitaleiras e amoraveis terras de França.

Paris, 17 de abril de 1906.

LUIS DA CAMARA REYS.

Os estudantes portuguezes em Sèvres

PALACIOS CASTELLOS E SOLARES DE PORTUGAL

V—A TORRE DE PERO DOCÉM

Pouca gente haverá que visitando o Porto e o seu Palacio de Chrystal, não tenha visto surgir fronteiramente áquelle grandioso edificio e encravada no palacete Monfalim, a *Torre de Pero Docém.*

Quer a consideremos pelo lado architectonico, quer a encaremos pelo lado historico ou lendario, não ha duvida alguma que essa velha torre é ainda hoje uma das construcções do Porto mais curiosas pelo seu aspecto e mais digna de menção especial pelo que representa.

A torre de Pero Docém é indubitavelmente uma construcção dos meados da primeira dynastia, com ligeiras modificações de epocas posteriores.

É toda de granito de feitio rectangular, e toda ella assente em rocha de que ainda ao nivel da rua se notam vestigios. As suas quarenta e tantas fileiras de pedras são defendidas da seguinte forma: nas quatro faces da torre, por compridas frécheiras, e, no alto, por quatro renques de merlões ponteagudos, e por outras tantas series de cachorros de granito methodicamente dispostos em linha, para em occasiões de assalto á fortaleza serem ahi assentes pranchas de madeira, e por *agulheiros* ou *mattacães* n'ellas praticados, se poderem defender, pela projecção de materias inflammaveis, os quatro lados da torre.

Além das frécheiras era a torre allumiada, especialmente no ultimo andar e nas faces nascente e poente,—as mais largas do edificio,—por janellas duplas de cimos trilobados, e a porta de entrada do lado do nascente fica a quasi um metro de altura do nivel actual da rua. Esta edificação era certamente a torre principal d'um velho paço acastellado, que posteriormente com o andar e com as necessidades do tempo se modificou ou de todo se destruiu para dar logar ao palacete que lhe fica annexo.

Armas dos Docéns

Quanto á sua situação era ao tempo em que a ergueram a melhor possivel, pois não só dominava sem estorvos um vastissimo horisonte, mas tambem se achava independente da suzerania e privilegios do Porto, especificadamente d'estes ultimos que até ao tempo de D. Manuel não permittiam residencias fidalgas dentro do termo ou dos muros da cidade, pois que sendo aquelle local pertença do Couto ou Honra de Cedofeita se achava fóra d'esse termo e conseq'uentemente livre d'uma tal juridicção.

Encarando-a pelo lado lendario, diz-se geralmente no Porto que foi n'esta torre que em tempos remotos e mesmo desconhecidos se passou um facto deveras extraordinario.

Pedro Sem, opulento argentario e mercador

do Porto, destacava-se na sua classe pela immensa felicidade com que eram coroadas as suas transacções e pela inexhaurivel corrente de ouro que ellas acarretavam para as suas arcas. Emprehendedor, arrojado até á temeridade e sem que nenhum obstaculo se pudesse antepôr ao seu orgulho e ambição desmedida, era n'elle insaciavel o desejo de brilhar aos olhos do mundo e particularmente aos d'um enxame de parasitas e de falsos amigos que sempre o rodeavam e a quem elle offuscava pelo luxo desmedido do seu viver e pela grandiosa ostentação das suas festas.

A febre sempre crescente da ambição e da opulencia attingiu n'elle um dia os maiores limites, e Pedro Sem que não sabia resistir-lhe, concebeu então o maior e mais grandioso dos seus emprehendimentos.

Reuniu todos os seus capitaes, mandou armar e equipar para uma longa viagem os navios de que dispunha, adquiriu outros, fretou mais e mais, e conseguindo d'esta forma uma numerosa armada, eil-o que ordena, ante o pasmo geral, a sua prompta sahida a caminho de além-mar, para desconhecidas paragens, mas d'onde certamente lhe adviriam riquezas sem conta e situação sem egual.

A armada levantou ferro e seguiu seu destino, sem que por muito e muito tempo d'ella mais se soubesse.

Uma manhã despertou o audacioso mercador com a noticia de que iam chegar os navios.

Arrebatado de jubilo, vencido pelo desejo de que todos presenceassem a sua gloria, convidou os amigos para assistirem á chegada, e com elles se dirigiu a uma torre, a mesma de que nos estamos occupando, de cujo cimo se descobria n'um vastissimo horisonte o mar, esse largo campo aberto á sua prodigiosa iniciativa e aos seus arrojados emprehendimentos commerciaes.

Chegados ali, pouco tempo se demoraram que não avistassem ao longe um navio, e logo apoz elle toda a restante fila das embarcações.

A linha era formosa e todos elles, atravez da brancura das vellas, a custo deixavam vêr a escura sombra das amuradas, tão carregados e abarrotados vinham de preciosas mercadorias.

O espectaculo afigurava-se grandioso, e Pedro Sem, radiante de alegria, não cessava de apontar aos amigos o surgir do vellame sob uma atmosphera de luz e sobre o mar, tranquillo e limpido, sobre o mar que ao longe se deixava adormecer para que n'elle passassem docemente as quilhas das embarcações.

Tudo aquillo era suggestivo e unico, e Pedro Sem, n'um auge de crescente e febril enthusiasmo, caminhava de um lado a outro do terraço, sob as vistas dos assistentes, que ante tão grandiosa e tão certa opulencia nem mesmo escondiam no rosto a inveja que os dominava.

Pedro Sem sentiu-se então desvairar; e n'um subito arrebatamento, erguendo os olhos ao céu e apontando os navios, exclamou provocadoramente, n'um impeto unico de orgulho e de audaciosa soberba: «Ah! agora nem Deus seria capaz de me empobrecer!»

A blasfemia de insolente que era, tornara-se medonha e os circumstantes, entreolhando-se, estremeceram de improviso, como se os dominasse o terror e como se antevissem o que em breve iria acontecer.

D'ahi a momentos o sol pareceu encobrir-se, e pelas faces de todos sentiu-se o correr de um vento penetrante e frio, frio como a morte, cortante como o fio d'uma adaga.

O céu, até então de um formoso azul turqueza, começou a desmaiar e amarellecendo pouco a pouco, e tomando gradualmente um tom sombrio e terroso, empanou-se de todo, cobrindo-se completamente de nuvens espessas, pesadas e tempestuosas.

O vento soprou então rijamente e o mar, até ali tão sereno e tão brando, ergueu repentinamente as suas vagas, e estas, encapellando-se alterosas e espumantes de raiva, redemoinhavam em volta dos navios, destruindo-lhes os rumos, varrendo-lhes de lado a lado as toldas e batendo-lhe catadupal e quebradoramente as amuradas.

A mais horrivel das tormentas desencadeou então os seus furores; o céu e a terra abalavam-se pelo ribombar dos trovões e enchiam-se de fôgo pelo cahir de faiscas e pelo fuzilar de relampagos, e como se tudo isso não fôra bastante, um violentissimo tufão, bramindo medonhamente, atirou lá além, consecutivamente, com todos os navios sobre os rochedos da costa, esfarrapando-lhes as vellas, quebrando-lhes os mastros e vêrgas, despedaçando-os, e sepultando no fundo do oceano todo o grande carregamento que elles transportavam.

Tal era a resposta do céu á arrogante e tremenda blasfemia!

Pedro Sem, que tudo vira e como nenhum outro comprehendera, levou convulsivamente as mãos á fronte e cahiu como fulminado.

Horas depois, quando voltou a si, havia cessado de todo a horrivel tempestade; elle porém, achava-se só, inteiramente só e desamparado de tudo e de todos, até mesmo dos amigos, d'aquelles seus amigos que elle julgava tão dedicados e que horas antes ainda vira tão junto de si. Tudo havia fugido, abandonando aquelle homem pouco antes tão invejado e tão rico e ora tão subitamente precipitado na mais desoladora ruina!

. . . .

A noite avisinhava-se lentamente e, como rainha absoluta, a pouco e pouco desdobrava sobre o escuro azul do firmamento o seu riquissimo e grandioso manto bordado e cravejado a diamantes.

Pedro Sem ergueu-se a custo e tremendo convulsamente inda uma vez lançou a vista sobre o horisonte, como se o dominasse uma derradeira esperança.

A justiça do céu, porém, implacavel para com o repto lançado, ainda não havia cessado de todo o castigo!

Lá longe, muito ao longe, a sudeste da cidade, divisava-se um clarão immenso alluminando o espaço. O desgraçado nem sequer comprehendeu o que aquillo fôsse, e no entanto era a sua propria casa que n'aquelle momento ardia, consumindo nas lavaredas o resto dos seus haveres.

O castigo era pavoroso. Pedro Sem ficava reduzido á mais extrema miseria.

Abandonado então de todos, arrastando de porta em porta o seu horroroso infortunio, pallido, esquelético, esfarrapado, com os olhos arroxeados por chorar continuo, tremendo angustiosamente, cheio de fome e de frio, desejando e supplicando ao céu mil vezes a morte como perdão e allivio, a todos estendia a mão n'uma formula constante e como que resumidora do seu passado e presente: «Dae esmola a Pedro Sem, que já teve e agora não tem.»

e Terena, o Condado d'este ultimo titulo e o Viscondado de S. Gil de Perre.

A Velha Torre dos Docens conservou-se sempre desde então na posse d'esta familia, que n'ella instituiu um Morgado e lhe construiu ao lado o palacete em que inda ha pouco tempo residia.

Em 1481, por occasião da grande epidemia que avassallou o Porto e deu logar ao nome Taypas, a uma das ruas da cidade, aproveitaram-na para um hospital de pestosos com competente physico e enfermagem, tudo pago pelo municipio portuense. (Archivo da Cam. do Porto, L.° das Vereações, anno de 1485 e seg. fl. 26).

Em 1758, os Brandões deixaram cahir esta Torre em tal abandono, que quasi se achava reduzida ás paredes. E' assim que um manuscripto d'essa data «o Diccionario Geographico» existente na Torre do Tombo se exprime a tal respeito, quando, em resposta a um dos quesitos, descreve a freguezia de Cedofeita: «n'esta freguezia se acha hũa «torre antiga chamada de Pedro Sem, donde se «descobre o mar, a qual he toda de esquadria com «suas ameias fortalecidas e acha-se ao prezente «sem telha nem madeira e sómente a pedraria «existe.»

Mais tarde, porém, foi totalmente reparada e gateada em alguns pontos, nomeadamente na face norte, com gatos de ferro, construindo-se-lhe novos pavimentos e cobrindo-se com telhado. E' talvez devido a isso que alguns affirmam que ella fôra mudada de lugar, pedra por pedra, o que é inadmissivel á face do aspecto que apresenta.

Eis quanto se sabe a respeito da sua historia.

◉

Não falta quem, rebuscando as origens da lenda, pretenda concluir que ella se relaciona com um rico mercador do Porto, de nome Pedro Pedrossen, Cavalleiro de Christo e Familiar do Santo Officio, filho de Vicente Pedrossen então residente em Villar, e neto de um outro Pedro Pedrossen, natural de Hamburgo e outr'ora residente na velha rua da Reboleira.

Este Pedro Pedrossen, que havia nascido no Porto em 31 de março de 1707, requereu licença para se casar segunda vez em 1746.

Bastaria comparar a lenda com o facto do primeiro Pedro Pedrossen ter tido descendencia abastada e em seguida confrontar as datas acima apontadas com o trecho do citado Diccionario Geographico de 1758 e com as datas de outros documentos posteriores em que tal nome apparece escripto, para desde logo nos convencermos de que este Pedrossen nada tem que ver com o desditoso Pedro Sem da lenda.

Se isso fosse verdade, era impossivel que sete ou oito annos depois do pedido de licença para o segundo casamento de Pedrossen, aquelle manuscripto, pelo menos, não referisse a lenda e tal coisa não succede.

Successos d'aquella natureza ou semelhantes não se esquecem facilmente, nem a memoria d'um tal mercador se apagava tão rapidamente no espirito publico. E senão, é ver que são passados mais de tres seculos sobre o nome do celebre portuense Manoel Cyrne da Silva, e no entanto inda hoje se conserva bem vivido na mente dos portuenses o nome do riquissimo Feitor de Flandres e a tradicção dos seus larguissimos dispendios e do luxo e ostentação com que vivia.

E a propria epoca tambem não admitte a firmeza e solidez da hypothese.

Uma blasfemia da especie d'aquella que proferiu o decantado Pedro Sem e nas circumstancias mesmo em que foi proferida, não era de molde a admittir que elle acabasse os seus dias mendigando nas praças publicas. A Inquisição encarregar-se-hia de punir rigorosamente o seu author, por cima mesmo do Castigo Celeste, jámais tratando-se d'um Familiar do Santo Officio, e tal facto tambem se não deu.

A lenda do Pedro Sem não passa portanto de uma adaptação.

O mencionado Diccionario Geographico de 1758, fallando de outras edificações então situadas nas immediações da Torre de Pero Docém, accrescenta: «Tambem a Torre da Marca donde os homens «de negocio do Porto vam vêr os navios quando «entram e sahem, he de alvenaria, serve de ival«liza aos navios quando entram na barra do Por«to. Ha tambem o Mirante dos inglezes, donde «estes e o povo da cidade do Porto vam vêr o «mar e a mesma entrada e sahida dos navios; «achase ao presente sem telha, existe a pedraria.»

D'este costume de ir vêr do alto d'estas torres a chegada das embarcações, é que de certo nasceu uma parte da lenda. Nenhuma d'ella, porem, se prestava tanto ao assumpto como a Torre de Pero Docém, já pela elevada cathegoria da familia a que pertencera, já pelas suas dimensões e situação especial. D'ahi o facto de a escolher o vulgo, para de preferencia lhe adstringir a phantastica historia do infortunado traficante.

E com o nome d'este succedeu outro tanto.

Como o edificio era conhecido pela designação da Torre do Pero Docém, e este nome apparece escripto umas vezes como Pero d'Océm, outras como Pero ou Pedro Océm e inda outras sob a fórma Pedro Cém, facil foi converter o nome d'este illustre Cavalleiro, leal servidor da Rainha Santa Izabel, no do pretenso protagonista da emocionante narrativa popular, fazendo d'elle um mercador abastado, a maior cathegoria social para os seculares costumes do povo do Porto.

Demais, se o estado de abandono e ruina em que aquelle edificio por vezes e por largos tempos se encontrou, já de por si favorecia o crear e assentar d'uma lenda, o espirito simples, altamente crédulo, supersticioso e essencialmente fanatico dos nossos antigos não pouco contribuiu tambem para contornar, engrandecer, transfundir e mesmo personificar uma narração que afinal não passa, a nosso vêr, d'uma parabola de feição religiosa que alguem um dia inventou e propalou, ou pelo menos transportou para o nosso meio, amoldando-a ao sabôr e caracter local por tal fórma, que assim conseguiu enraizal-a para sempre no animo popular.

J. J. Gonçalves Coelho.

Tal é a lenda. Ouçamos agora o que a respeito da torre diz a historia.

❀

O edificio sobre o qual o vulgo bordou tão estranhos acontecimentos, primitivamente conhecido pela designação de «*Torre da Boa Vista*», era propriedade exclusiva d'uma nobilissima familia largamente apontada pelos nossos chronistas, especialmente por Fernão Lopes: «*os Docéns*».

Ignora-se a epoca em que esta illustre familia, que se suppõe d'origem aragoneza, deu entrada em Portugal.

Apenas se sabe que em 1302 vivia no Porto um cavalleiro nobre de nome Martim Docém, que residia nos arredores da cidade. Consta isso d'uma escriptura particular d'essa data, na qual o cidadão do Porto Domingos Martins Bicos dá plena quitação a Maria Martins, viuva (de Fernão Leite, por ter recebido, por intermedio do dito Martim Docém, 14 maravedis velhos que Fernão Leite lhe devia.

D'este Martim Docém suppõe-se, com certo fundamento, ter sido filho Pedro Docém, cavalleiro da Casa da Rainha Santa Izabel e mais tarde, no reinado de D. Affonso IV, seu chanceller-mór.

A Torre de Pero Docém

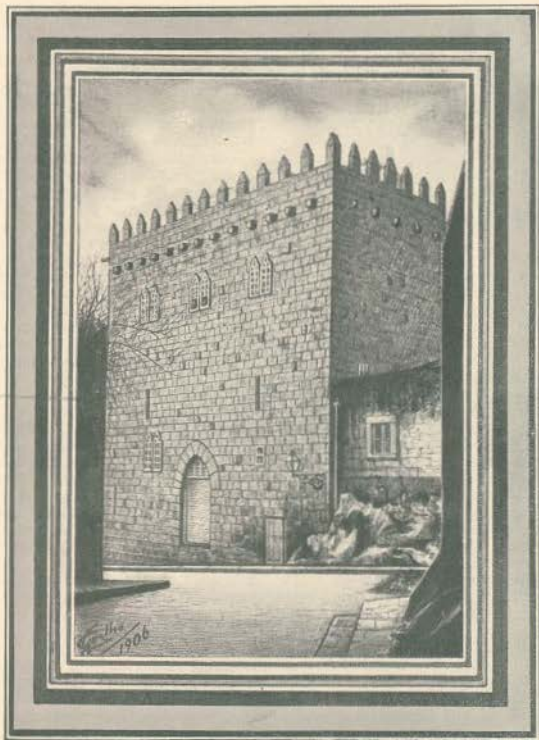
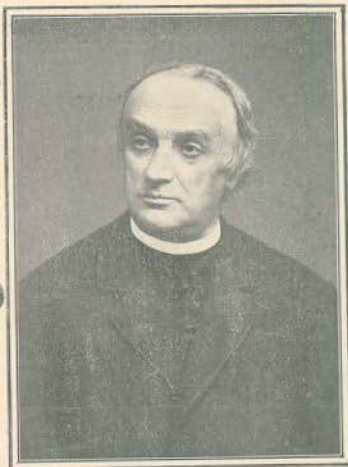
Foi certamente este cavalleiro, talvez mesmo pela sua elevada posição social, o que deu origem ao nome da Torre.

D'este Pero Docém foi filho João Docém, successor d'um morgado adstricto a uma capella, que seu pae instituira em Santarem e d'este João Docém nasceu o celebre lettrado doutor Gil Docém, desembargador do rei D. Fernando e seu embaixador a Castella em 1371 e 1380, amigo leal e ferrenho partidario do Mestre d'Avis, que o enviou como embaixador á Inglaterra e mais tarde, após a morte de João das Regras, o elevou á dignidade de desembargador-mór do reino.

Este Gil Docém houve de sua esposa Branca Annes, filha do mestre João das Leis, varios filhos. O primogenito, Martim Docém, foi chanceller-mór do reino por mercê de D. João I, alcayde-mór de Estremoz, rico-homem e conselheiro do rei, e assistiu á tomada de Ceuta, onde o armou cavalleiro o infante D. Duarte de cuja casa foi governador.

Martim Docém morreu sem descendentes a 8 de fevereiro de 1431, em Santarem, e ahi jaz sepultado na egreja de S. Domingos.

A maior parte, senão a totalidade dos seus bens, herdou-a sua irmã Ignez Docém, e d'elle foi sobrinho Pedro Docém, que, á falta de descendentes, doou aos seus parentes collateraes Izabel Brandão e marido João Sanches, hespanhol e homem rico do Porto, differentes bens nos quaes, alem da Torre, se incluiam diversas casas e terrenos que possuia em Refoyos de Riba d'Ave, antigo termo do Porto.

Izabel Brandão, terceira filha de Alvaro Brandão, pagem de lança de D. João I e primeiro contador-mór do Porto, por mercê d'este rei, por sua vez filho segundo de Lopo Fernandes Brandão e neto de Fernando Martins Brandão, cavalleiro do tempo dos reis D. Pedro I e D. Fernando, e Senhor do Morgado da Silveira em Monte-mór-o-novo, era irmã de João Brandão, segundo contador-mór do Porto, casado com D. Brites Pereyra, filha bastarda do Abbade D. Paulo Pereyra, irmão do segundo Conde da Feyra, e d'ella proveio a illustre Casa dos Brandões da Torre da Marca, na qual recahiram no Seculo XIX os Marquezados de Monfalim

O dia 26 de Julho de 1896 foi para os amigos e admiradores do Rev. Prospero Peragallo um dia de profunda tristeza e de magua indelevel.

Retirava-se para a sua patria Genova, depois de haver por trinta annos encantado a sociedade lisbonense, aquelle estimabilissimo forasteiro.

Forasteiro,—porque era na Italia o seu berço; portuguez de adopção, porque tributava elle ao nosso paiz um entranhado affecto de filho amantissimo. Saudades que elle de cá levou, não são menos pungentes do que as saudades que deixou em Portugal entre quantos lograram a fortuna de com elle tratar.

Em 23 de Abril do anno corrente, passou o seu 83.º anniversario natalicio. No intuito de o commemorar, agruparam-se algumas pessoas subscrevendo uma festiva mensagem de congratulação redigida por quem estas linhas escreve, e ornamentada com emblematica cercadura a que prestou seu desenho (á penna executado) o illustrado professor da Escola Naval João Braz de Oliveira, brioso official da nossa marinha de guerra.

No seu conjuncto geral obedece a tarja á influencia do estylo manuelino,—o d'El-Rei D. Manuel avulta como remate na parte superior do desenho (correspondente ao ramo horizontal) o escudo coroado.

Abaixo do escudo, em que se destacam, sobre as quinas e os castellos, a cruz de Christo e a esphera armillar, desdobra-se elegantemente a data *XXIII Abril MCMVI.*

A direita, no angulo superior da cercadura, surge d'entre rosas o panorama da Egreja do Loreto e seus arredores.

Depois, no ramo vertical da tarja, apparece, guarnecido por moldura inspirada nos medalhões do claustro de Santa Maria de Belem, o retrato de Christovam Colombo,—um dos muitos retratos do famoso genovez, o precisamente aquelle cujos traços physionomicos fazem até certo ponto lembrar as feições de Prospero Peragallo.

Acima do medalhão em que está desenhada a effigie colombina, sobresae o régio escudo das armas italianas; e abaixo, em disposição symetrica, o brazão heraldico do descobridor da America.

Em seguida, e sempre descendo na tarja, encontra-se a caravella «Santa Maria».

Na parte inferior, entre flores, varios elementos allusivos ás publicações religiosas do virtuoso padre e bem assim ás traducções primorosas que de Camões e de Garrett repetidas vezes tem dado a lume em verso italiano.

No angulo fronteiro (á esquerda) é representado, como trophéo circumdado por louros e sobrepujado por um elmo, o escudete em que está inscripta a sigla do immortal Colombo.

Aqui vae agora o texto da mensagem:

«Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Cav. Prospero Luiz Peragallo, erudito historiador, egregio colombista, enthusiastico preconizador das glorias italianas e das portuguezas, insigne traductor de Camões e de Garrett, saudam respeitosamente e felicitam no octogesimo-terceiro anniversario natalicio alguns amigos seus de Lisboa abaixo assignados,—amigos, admiradores e veneradores,—unanimes em testemunharem carinhoso amor ao sacerdote benemerito e virtuosissimo que, parochiando na côrte portugueza a italiana Egreja de Nossa Senhora do Loreto, fez com que lhe brotasse no coração de cada italiano e de cada portuguez um devoto altar de affecto e gratidão.

«E fazem votos os signatarios para que d'aqui a dezesepte annos, em vida do inclito Genovez (vida preciosa que Deus prolongue ainda por largo tempo) solemnemente se festeje, nas mais risonhas e brilhantes condições de ineffavel ventura, o centenario natalicio de quem tantos serviços tem prestado á Italia e tantos a Portugal.»

Subscrevem esta mensagem, além dos nomes do seu redactor e de quem a tarja lhe desenhou, sessenta e nove assignaturas autographas que, sem discriminação de precedencias hierarchicas, figuram pela seguinte ordem dispostas:

Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, José Manuel da Costa Basto, Joseph Bénoliel, Vicente Rodrigues Monteiro, Casimiro José de Lima, José Ramos Coelho, Gabriel Pereira José Augusto Celestino Soares, João Maria Jalles, Henrique Lopes de Mendonça, Anselmo Braamcamp Freire, Roberto Augusto da Costa Campos, Antonio Maximo Lopes de Carvalho, Francisco Maria Esteves Pereira, Rodrigo de Sousa Monteiro, Adolpho Scheper Fassio, Theophilo Braga, José Joaquim Gomes de Brito, Luiz Carlos Rebello Trindade, José Joaquim d'Ascenção Valdej, Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, Alberto Carlos da Silva, D. José Maria da Silva Pessanha, José Antonio Rodrigues, Pedro José Pereira,

João Guilherme Torquato dos Reis Campos, José Felix da Costa, José Eduardo Fragoso Tavares, Conde de Valenças Sebastião da Silva Leal, Alberto Bessa, Gregorio Rodrigues Fernandes, Monsenhor Joaquim da Silva Serrano, Julio Schultz Xavier, Vicente Almeida d'Eça, Conde de Bobone (Carlos), Condessa de Bobone (D. Virginia), Zelinda Bobone, Sylvia Bobone, Emilia Fassio da Silveira Pinto, Marianna Ferreira Scheper Fassio, Emilia Scheper Fassio, Emma Scheper Fassio, Maria Eugenia Scheper Fassio, Fanny Fassio Scheper Figari,

XXIII ABRIL MCMVI

Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Cav. Prospero Luiz Peragallo, erudito historiador, egregio colombista, enthusiastico preconizador das glorias italianas e das portuguezas, insigne traductor de Camões e de Garrett, saudam respeitosamente e felicitam no octogessimo terceiro anniversario natalicio alguns amigos seus de Lisboa abaixo assignados — amigos, admiradores e veneradores unanimes em testemunharem carinhoso amor ao sacerdote benemerito e virtuosissimo que, parochiando na côrte portugueza a italiana Egreja de Nossa Senhora do Loreto, fez com que lhe brotasse no coração de cada italiano e de cada portuguez um devoto altar de affecto e gratidão.

E fazem votos os signatarios para que d'aqui a dezesepte annos, em vida do inclito Genovez (vida preciosa que Deus prolongue depois ainda por largo tempo) solemnemente se festeje, nas mais risonhas e brilhantes condições de ineffavel ventura, o centenario natalicio de quem tantos serviços tem prestado á Italia e tantos a Portugal.

João Braz d'Oliveira

Maria Germana Ferreira Barbas de Oliveira, Ismenia Violante dos Santos Couvreur d'Oliveira, Georgina Couvreur d'Oliveira, João Braz d'Oliveira Junior, Guilherme Couvreur d'Oliveira, Maria Germana Couvrer d'Oliveira, Emilia Tobino da Cunha, Luigi Manini, José Mathias Nunes, Contessa di Bobone, Conte Bobone, Emma Fassio Figari, Caetano Alberto, Conego José Maria Pinto, Marcos Gonçalves Cobato, Pietro Bottino, Venancio Deslandes, Brito Aranha, Ignacio Francisco Silveira da Motta, Alfredo Luiz Lopes, Jacinto Ignacio Brito Rebello, Francisco Arthur da Silva e Ramalho Ortigão..

Assim — a Parochial Egreja de Nossa Senhora do Loreto; o Consulado Geral d'Italia; a Academia Real das Sciencias (que elegeu por socio correspondente o Reverendo Prospero Peragallo); a Bibliotheca Nacional de Lisboa (que elle assiduamente frequentava); o Real Archivo da Torre do Tombo (d'onde numerosos documentos desentranhou e publicou, relativos á Italia e a Portugal); a Commissão Portugueza da Exposição Colombina (que em 1892 o acolheu no seu gremio e lhe aproveitou interessantissimos trabalhos, galardoados em Madrid com medalha de oiro); a Sociedade Litteraria «Almeida Garrett» (que lhe reconheceu as altissimas qualidades, elegendo-o socio honorario); a Sociedade Nacional Camoniana (que se honra de o contar entre os seus socios correspondentes); o Real Theatro de S. Carlos (onde Peragallo amiude se comprazia em escutar as obras primas dos seus conterraneos); a Commissão que em homenagem a Sousa Martins fez publicar o livro *In Memoriam* (livro que Peragallo abrilhantou com a sua esmerada e captivante collaboração); a «Livraria Rodrigues» da Rua do Oiro (onde quasi todas as noites elle constituia nucleo de animada conversação, sobremodo instructiva); o jornalismo (que tanta vez teve occasião de lhe pôr em relevo os singulares dotes do seu espirito e do seu coração); o clero, a nobreza, o funccionalismo burocratico, o exercito, a marinha, o professorado, as sciencias, as bellas-lettras, as bellas-artes, a industria, o commercio, e, em volta d'estas collectividades, as affeições intimas dos lares domesticos em que o venerando sacerdote era anciosamente desejado e carinhosamente agasalhado, as affeições intimas dos lares domesticos em que elle derramava o perfume das suas exemplarissimas virtudes:—tudo se nos depara alli representado e synthetizado nas setenta e uma assignaturas d'aquella espontanea mensagem com que amigos e admiradores determinaram auspiciosamente saudal-o a proposito de uma data solemne.

Lisboa, 25 de Abril de 1906.

XAVIER DA CUNHA.

A egreja dos Congregados, do Porto, em quinta feira-santa
(CLICHÉ DE AURELIO DA PAZ DOS REIS)

Quem vê o conde d'Arnoso atravessar todas as tardes as ruas de Lisboa, com o seu lento passo portuguez, a sua elegancia animada e nervosa, o seu olhar moço e ardente, a sua botoeira sempre florida, mal póde imaginar, se o não sabe, que aquelle homem de apparencia ociosa ou desoccupada nada tem que invejar aos mais activos no modo util e benefico como invariavelmente emprega as horas do seu dia.

A'quella hora doce de repouso e de passeio, em que Lisboa toda se entrega voluptuosamente á alegria de viver, já o conde d'Arnoso perdeu a conta das cartas que escreveu, das respostas amaveis ou espirituosas que teve de dar, dos pedidos a que attendeu com carinho e interesse, dos telegrammas que decifrou, dos negocios que examinou, penetrou e resolveu com aquella promptidão de intelligencia e aquella actividade incançavel de coração que constituem o mais brilhante relevo das suas qualidades.

As cartas que escreveu! Toda a gente sabe que a alma de um homem em parte alguma se trahe ou se revela como nas paginas espontaneas e instinctivas da sua correspondencia. As cartas quotidianas de cada um são as perpetuas testemunhas de accusação ou de defeza de quem as escreveu. N'ellas nada engana, nem a propria dissimulação, que tão depressa se surprehende nas palavras como salta aos olhos na lettra. São documentos incapazes de perjurio, condemnados irremediavelmente a falar verdade mesmo quando pretendem mentir.

Sr. conde de Arnoso

Se se pudessem reunir e folhear os milhares de cartas que o conde d'Arnoso tem escripto desde que sabe escrever, aos filhos ou aos amigos ausentes, aos pobres que lhe pedem auxilio, aos preteridos que lhe pedem justiça, aos ministros que nem sempre lh'a negam, aos escriptores que lhe offerecem livros, aos poderosos e aos humildes, aos bons e aos maus, aos sinceros e aos disfarçados, aos que do coração o estimam e aos que só por calculo o adulam, se se pudesse classificar e commentar essa vasta obra de bondade, de ternura, de desinteresse, e tambem de ironia, de espirito, de claro bom-senso e de ardente patriotismo, n'esse commentario estaria feita, pela unica maneira definitiva por que devia fazer-se, a biographia d'este homem de intelligencia tão pontual e clara e de alma tão rara e fina.

Lá se encontraria explicado que elle tenha chegado aos quarenta annos sem uma sombra na alma, sem uma ruga no coração, sem um azedume ou uma seccura no olhar. Se queres ser bello, pensa em coisas justas! —dizia o philosopho. Poderia accrescentar-se: se queres ser moço, nunca penses senão no bem dos outros! Dir-se-hia que as ambições, as paixões, os egoismos, desgastam a roem a frescura e mocidade dos homens. Quem sabe se não seremos immortaes no dia em que fôrmos impeccavelmente bons?

Ninguem jámais poderá encontrar nas palavras ou nos actos do conde d'Arnoso nada que indique uma dureza de sentimento ou uma incomprehensão de espirito. As suas pégadas pela vida, leves como vôos, não pisaram nem maltrataram outras

vidas. O seu coração, refractario ao mal, nunca foi preguiçoso ou lento em fazer bem; n'elle a ternura é um frenesi, a generosidade e a justiça uma ancia e uma força em incessante exercicio.

Nunca teve na vida um mau pensamento ou um mau interesse. Invejas, ambições, rancores, não podiam dar-se nem medrar na sua melindrosa alma. Grande parte da sua actividade tem-na empregado a evitar injustiças, a advogar causas desamparadas, a emendar desprezados erros. A sua influencia nunca se moveu senão pela sympathia, e isso o fez o defensor espontaneo dos que ninguem protege, porque nada offerecem em troca da protecção a que aspiram e que tantas vezes merecem.

A sala do sr. conde d'Arnoso

Uma das religiões praticadas com mais fervor pela sua alma é o culto dos seus amigos. O homem capaz de amizade deve ter junto de Deus grande perdão para as suas culpas; mas ainda não vi ninguem ser amigo como o sabe ser o conde d'Arnoso, certo na hora mais incerta, tão amigo para a vida como para a morte, alvoroçado e feliz na dedicação e no sacrificio.

Se a sua bondade se espraia como a agua bemfazeja de um rio, sobre as miserias e erros que cruzam o seu caminho ou que veem ao seu encontro, se a sua alma é largamente hospitaleira, a sua intelligencia activa e generosa tem as mesmas feições do seu coração.

O seu talento não é o talento poupado e concentrado de um especialista. O sabio devotado á sua sciencia, o artista escravo da sua arte, não podem desperdiçar com a obra alheia as sobras do seu espirito. O espirito, ai de nós, não sobra nunca! Ha por isso uma especie de egoismo, mil vezes remido aliás pelo talento, em juntar, encelleirar em proveito proprio todo o esforço e colheita intellectual.

Outro aspecto da sala

Ha pelo contrario intelligencias desaproveitadas, intelligencias *mãos-rotas*, que dão sem contar, que nunca faltam onde fazem falta, que estão sempre promptas para a comprehensão e para a admiração, que incapazes talvez de cultura intensiva e de absorpção exclusiva n'uma obra, se espalham e repartem por todas as horas e actos da vida. Intelligencias que se gastam e arruinam em beneficio de todos, que não têm os seus momentos de tedio, ou de impotencia, ou de estupidez, que brilham de um brilho sempre egual e certo, embora nunca se concentrem em deslumbrantes clarões.

A intelligencia do conde d'Arnoso é assim.

Quem conhece a sua vida sabe que multiplicados dotes, que incessantes exigencias de tacto, de espirito, de experiencia e cultura ella lhe impõe; sabe que não ha nos seus actos, nem de homem do mundo, nem de homem publico, a nodoa de uma incorrecção ou até a sombra de uma *gaffe*.

E isto é tanto mais admiravel quanto a sua maneira de viver é vertiginosa. O conde d'Arnoso é de nascença, e teria de sel-o pelas imposições da sua vida, o que os francezes chamam um espirito *primesautier*, e o que nós chamamos em portuguez, quan se trata do coração, um *coração ao pé da bocca*. A intelligencia dentro d'elle está sempre de serviço, não tem férias, e elle encommenda-lhe, em curtissimos prazos, as mais desencontradas tarefas. E' assim que o tenho visto tratar negocios, apreciar homens e livros, escrever elle proprio graciosos contos, encantadoras peças de theatro, vivas notas de viagem, com uma velocidade de comboio expresso e com uma egual despretenção, felicidade, elegancia e gosto.

A sua obra litteraria é uma série de *instantaneos* do seu espirito, cuja graça, cuja agudeza revelam, assim como todos os actos da sua vida espelham o seu coração sempre em flagrante.

O que seria elle capaz de escrever, se parasse, se se concentrasse, se poupasse o seu talento? Pergunta e conselho inuteis, porque elle não tem alma senão para viver assim. E lá vae, feliz da feliz da felicidade que espalha, dando ao seu coração constante emprego e extenuante trabalho ao seu espirito, não se cançando de se cultivar e de se aperfeiçoar, n'uma permanente curiosidade de belleza, da verdade e da arte.

Nunca, no seu dia cheio de obrigações, lhe faltou o tempo para as gratas devoções da leitura e do embellezamento do espirito; nunca a nossa terra produziu obra de valor, nunca em Portugal luziu scentelha de talento, qve elle se não precipitasse a admiral-a e a applaudil-a. Viajou, viu, comparou, e basta visitar a sua casa cheia de tão authentica arte, ornada com tão nobre distincção e tão pessoal e fino gosto, para se comprehender quanto proveito elle soube tirar do que viu e do que aprendeu.

Conviveu sempre com os maiores homens do seu paiz, e a todos foi sensivel a originalidade do seu espirito, a espontaneidade da sua emoção, a solidez da sua cultura.

A emolliente vida mundana nem lhe amolleceu ou esfriou a alma, nem lhe banalisou o espirito; e ás suas mais frivolas obrigações soube dar desculpa, dando-lhes graça e relêvo.

N'esta sociedade, tão pobre de caracteres e de vontades, o conde d'Arnoso não deve o seu prestigio á alta situação que occupa. Não foi essa situação que o elevou; pelo contrario, elle é que a elevou qa ella. E é uma consolação para todos pensar ue na mais affectuosa intimidade e confiança d'El-Rei vive um homem de tão intacta honra, de tão impetuoso patriotismo, a quem as amarguras e males da patria dóem como proprios, e que pelo seu desinteresse e lealdade, seja crystallina transparencia da sua vida privada e publica, é, posto bem alto e á vista de todos, um nobre e raro exemplo.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

A sala de jantar

O gabinete de trabalho

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias, inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas cathegorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro, esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação.... 1$000 réis 4 publicações.... 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação........ 800 réis 4 publicações.... 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta feira de cada semana.

TISANNE DE CHAMPAGNE

DE ST. MARCEAUX & C.ie

Deposito exclusivo: Rua do Crucifixo, 111, 1.º D.

ANTIGA AGENCIA FUNERARIA

DE

Francisco dos Santos Rodrigues

Andador da Irmandade de Santissimo da Sé de Lisboa

7, Rua das Pedras Negras, 15

TELEPHONE N.º 1:044

O proprietario d'este estabelecimento possue coches antigos, etc., carros dourados de columnas e ornamentados em preto para serviços de funeraes desde o mais modesto e simples até ao de maior pompa que se possa exigir.

Urnas em todos os generos em mogno e pau santo, lisas, entalhadas, contramoldadas e para embalsamamento e como tambem possue todos os artigos proprios para funeraes, incluindo armações para casas particulares egrejas e cemiterios, está este estabelecimento em condições de bem servir por preços resumidos.

Tambem se encarrega de funeraes por tabella entregando-as a quem as requisitar na agencia, onde se encontram empregados a toda a hora da noite.

Trata-se de trasladações e todos os serviços relativos á sua industria tanto no paiz como no estrangeiro

Grande variedade em corôas, tanto nacionaes como estrangeiras, fitas e franjas em todas as qualidades

O agente pode ser procurado a qualquer hora da noite no **pateo da Sé defronte do Aljube**.

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

Directoria da Filial: Presidente — Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *Governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado Honorario* ◆ Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, *Advogado* ◆ Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena ◆ Gerente: M. A. de Pinho e Silva ◆◆ **Dotações de creanças de 1 aos 15 annos.** Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios, prospectos e outras informações que forem dirigidos á filial

D'A Equitativa dos Estados-Unidos do Brazil

LARGO DE CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA